Mal-estar, satisfação e vocação: estudo comparativo sobre a profissão acadêmica em instituições privadas do Brasil e do Chile

Malestar, satisfacción y vocación: estudio comparativo sobre la profesión académica en instituciones privadas de Brasil y Chile

Malaise, satisfaction, and vocation: a comparative study of the academic profession in private institutions in Brazil and Chile

Cristina Fioreze [1] https://orcid.org/0000-0002-7685-6636
José Joaquín Brunner [2] https://orcid.org/0000-0002-7832-0237
Mario Alarcón [3] https://orcid.org/0000-0002-3939-724X
[1] Universidade de Passo Fundo (UPF); [2] Universidad Diego Portales (UDP) y Universidad de Tarapacá (UTA); [3] Universidad Diego Portales (UDP).

Resumo. Na última década, o avanço do capitalismo acadêmico e do gerencialismo, associado ao fortalecimento do setor privado, reconfigurou a educação superior latino-americana e intensificou o mal-estar na profissão acadêmica. A coexistência paradoxal entre mal-estar e satisfação no trabalho, porém, permanece pouco investigada. Este artigo analisa como docentes brasileiros e chilenos de instituições privadas sem fins lucrativos percebem mal-estar e satisfação, em perspectiva comparada e sensível às desigualdades de gênero. A pesquisa, de metodologia mista sequencial, combinou questionário respondido por 302 docentes (168 brasileiros e 134 chilenos), analisado com testes qui-quadrado e de Mann-Whitney, e entrevistas com quatro especialistas. Os resultados, sem diferenças significativas entre os países, mostram sobrecarga e dificuldade de conciliar vida acadêmica e pessoal, sugerindo maior impacto sobre as mulheres, que dedicam mais tempo ao trabalho de cuidado. Ainda assim, predominam a satisfação e a reafirmação da escolha da carreira, que as entrevistas associam à representação do trabalho como vocação. Esse paradoxo é a experiência majoritária entre os docentes que expressam mal-estar. Como contribuição ao balanço da década, os achados apontam que, ao final do período, as pressões gerencialistas convivem com a preservação do sentido vocacional da profissão, sugerindo uma dinâmica latino-americana.

Palavras-chave: profissão acadêmica; América Latina; satisfação no trabalho; mal-estar docente; gênero.

Resumen. En la última década, el avance del capitalismo académico y del gerencialismo, junto con el fortalecimiento del sector privado, ha reconfigurado la educación superior latinoamericana y ha intensificado el malestar en la profesión académica. Sin embargo, la coexistencia paradójica entre el malestar y la satisfacción laboral sigue siendo un tema poco investigado. Este artículo analiza cómo perciben el malestar y la satisfacción los docentes brasileños y chilenos de instituciones privadas sin fines de lucro, desde una perspectiva comparativa y sensible a las desigualdades de género. La investigación, de metodología mixta secuencial, combinó un cuestionario respondido por 302 docentes (168 brasileños y 134 chilenos), analizado mediante pruebas de chi-cuadrado y de Mann-Whitney, con entrevistas a cuatro especialistas. Los resultados, sin diferencias significativas entre ambos países, muestran sobrecarga y dificultades para conciliar la vida académica y personal, lo que sugiere un mayor impacto en las mujeres, que dedican más tiempo a las tareas de cuidado. Aun así, predominan la satisfacción y la reafirmación de la elección de la carrera, que las entrevistas asocian a la representación del trabajo como vocación. Esta paradoja es la experiencia mayoritaria entre el profesorado que expresa malestar. Como aportación al balance de la década, los resultados señalan que, al final del período, las presiones de tipo gerencial conviven con la preservación del sentido vocacional de la profesión, lo que sugiere una dinámica latinoamericana.

Palabras clave: profesión académica; América Latina; satisfacción laboral; malestar docente; género.

Abstract. Over the past decade, the advance of academic capitalism and managerialism, coupled with the strengthening of the private sector, has reshaped Latin American higher education and intensified malaise within the academic profession. The paradoxical coexistence of malaise and job satisfaction, however, remains underexplored. This article examines how Brazilian and Chilean faculty at private non-profit institutions perceive malaise and satisfaction, from a comparative perspective attentive to gender inequalities. This sequential mixed-methods study combined a questionnaire answered by 302 faculty members (168 Brazilian and 134 Chilean), analyzed with chi-square and Mann-Whitney tests, and interviews with four experts. The results, with no significant differences between countries, show overload and difficulty reconciling academic and personal life, suggesting a greater impact on women, who devote more time to care work. Nevertheless, satisfaction and reaffirmation of the career choice prevail, a pattern the interviews associate with the representation of academic work as a vocation. This paradox is the majority experience among faculty who report malaise. As a contribution to the assessment

of the decade, the findings indicate that, by the end of the period, managerialist pressures coexist with a preserved vocational meaning of the profession, suggesting a Latin American dynamic.
Keywords: academic profession; Latin America; job satisfaction; malaise in the academic profession; gender.

1. Introdução

Nas últimas décadas, a educação superior tem passado por profundas transformações. As universidades ganham centralidade no desenvolvimento das sociedades, ao tempo em que emergem novas formas de organização da vida acadêmica. Segundo Slaughter e Rhoades (2004), a economia do conhecimento redefine o papel das instituições de educação superior (IES), conformando o regime do capitalismo acadêmico, em que o conhecimento se torna mercadoria e as universidades assumem características de empresas capitalistas, orientadas por lógicas de mercado.

Destaca-se, nesse contexto, a incorporação do gerencialismo que, sob a égide do New Public Management (NPM), promove maior racionalização e eficiência nas instituições, estabelecendo métricas de produtividade, desempenho e avaliação (Ball, 2005; Broucker e De Wit, 2015). Essa lógica favorece a profissionalização da gestão, enfraquecendo o modelo colegiado tradicional, deslocando o poder decisório para os quadros gerenciais e ampliando o controle sobre a vida acadêmica (Gornitzka e Larsen, 2004; Jong e Junco, 2024).

Tais mudanças manifestam-se nos diferentes níveis dos sistemas de educação superior, alcançando a cultura e as práticas da profissão acadêmica – entendida conceitualmente como o conjunto de docentes e pesquisadores que, amparados por credenciais científicas reconhecidas, dedicam-se à produção, preservação e disseminação do conhecimento, com significativa autonomia (Höhle e Teichler, 2013; Light, 1974). Segundo Altbach (1991, p. 23, tradução nossa), "a profissão acadêmica está no coração da universidade". Ela é, simultaneamente, agente e objeto das transformações em curso, numa relação em que os contextos mais amplos conformam as perspectivas docentes, mas ao mesmo tempo são por elas reelaborados (Collyer, 2015; Teichler, 2021).

No capitalismo acadêmico, redefinem-se tanto os aspectos objetivos da profissão acadêmica – intensificação da carga de trabalho e foco na performatividade –, quanto suas dimensões subjetivas, como os sentidos atribuídos ao trabalho (Ball, 2005; Slaughter e Rhoades, 2004). O espírito capitalista nas universidades instaura uma cronopolítica gerencialista. Como efeito, o tempo acadêmico é acelerado e subordinado a expectativas de produtividade e prestação de contas (Esposito e Becker, 2023; Felt, 2025; Vostal, 2026), avançando sobre o espaço doméstico e contribuindo para a diluição das fronteiras entre a vida acadêmica e a vida privada. Isso afeta de modo particular as mulheres, dada a concentração das responsabilidades de cuidado sobre o gênero feminino, o que resulta em ampliação das sobrecargas e tensões decorrentes da tentativa de equilibrar carreira e vida familiar (Čingienė e Batuchina, 2025; Fardella Cisternas e Corvalán Navia, 2020; Walker, 2021).

Na tradição ibero-americana, a partir de Esteve (1987), o mal-estar docente designa os efeitos permanentes, de caráter negativo, que as condições psicossociais do exercício da docência produzem sobre o professor. Investigações em distintas regiões do globo documentam contextos de sobrecarga, em que a profissão acadêmica

vivencia um mal-estar caracterizado por pressões por produtividade, intensificação do trabalho, precarização das condições laborais, estresse, exaustão e comprometimento da saúde física e emocional (Allmer, 2018; Mantler et al., 2025; Rojas-Solís et al., 2021). Evidenciam, ainda, que determinantes de mal-estar aumentam a intenção de abandono da carreira (Kallio et al., 2024; Mather e Bam, 2025).

De outro lado, estudos têm mostrado, embora de forma mais escassa, que, apesar do mal-estar, a profissão acadêmica também experiencia, paradoxalmente, satisfação com a carreira, entendida como sentimento positivo associado à avaliação que o docente faz de seu trabalho (Han et al., 2020; Houston et al., 2006; Shin e Jung, 2014). O modelo de demandas e recursos do trabalho (JD-R) ajuda a explicar esse paradoxo: as demandas alimentam o desgaste, e os recursos, a motivação, de modo que mal-estar e satisfação não são polos de um mesmo contínuo (Bakker e Demerouti, 2007; Han et al., 2020). A sociologia e a psicodinâmica do trabalho, por sua vez, permitem compreendê-lo não como contradição, mas como característica constitutiva da experiência laboral na fase atual do capitalismo (Boltanski e Chiapello, 1999/2009; Dejours et al., 1994).

A maior parte das pesquisas que exploram esse paradoxo concentra-se em países desenvolvidos (Shin e Jung, 2014), cujos sistemas de educação superior diferem dos latino-americanos. Na América Latina, marcada por um capitalismo dependente e proteção social incipiente, ainda são escassas as produções que abordam a coexistência entre mal-estar e satisfação na profissão acadêmica. Entre as exceções, destacam-se estudos que apontam a vocação como chave explicativa (Camargo-Martínez e Médor, 2024; Pujol-Cols e Lazzaro-Salazar, 2021).

Sobre os dois países latino-americanos aqui estudados, Brasil e Chile apresentam características convergentes em seus sistemas de educação superior, apesar das dimensões distintas – cerca de 10,2 milhões de matrículas no Brasil e aproximadamente 1,5 milhão no Chile. Ambos se caracterizam por alto grau de privatismo, mercantilização e financeirização, configurando sistemas amplos e de provisão mista, com significativa presença privada (Arias Ortiz et al., 2024; Atairo et al., 2023; Diniz et al., 2021; Organisation for Economic Co-operation and Development, 2024). No Chile, onde a legislação veda o lucro às universidades – mas não aos institutos profissionais e centros de formação técnica –, há 132 IES, das quais 40 são universidades privadas, todas, portanto, sem fins lucrativos (Servicio de Información de Educación Superior, 2025). No Brasil, cuja legislação permite o lucro desde o final dos anos 1990, o setor privado se estrutura em torno de instituições com e sem fins lucrativos: das 2.561 IES existentes, 2.244 são privadas, sendo 758 sem fins lucrativos (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2025). Apesar de trajetórias institucionais distintas, os dois países compartilham de crescente pressão por modelos de gestão que refletem os princípios do gerencialismo e a empresarialização das universidades, o que os torna propícios para comparação e exame das manifestações do capitalismo acadêmico em contextos latino-americanos.

A década 2015–2025 intensificou dinâmicas características do capitalismo acadêmico, com a convergência de movimentos complementares. O Chile implementou a gratuidade (2016), consagrada em lei em 2018, com financiamento dirigido aos estudantes de menor renda em universidades públicas ou privadas (Pedraja-Rejas et

al., 2021; Rodríguez-Garcés e Padilla-Fuentes, 2021), enquanto no Brasil avançaram a oligopolização do setor privado e a expansão da educação a distância mercantil (Gouvêa e Barbosa, 2025) – processos distintos que, pela pressão financeira ou pela intensificação da concorrência, respectivamente, reforçaram a lógica do NPM. Ainda, a pandemia de Covid-19 transferiu abruptamente o trabalho acadêmico para o espaço doméstico e fortaleceu sua mediação digital, acelerando a compressão temporal e a diluição das fronteiras entre trabalho e vida pessoal (Matias et al., 2023; Santos et al., 2022). Esses movimentos, em conjunto, contribuíram para aprofundar práticas gerencialistas sobre o trabalho docente – e é ao final dessa década que se situam os dados aqui analisados, coletados em 2024–2025.

Nos casos brasileiro e chileno, as IES privadas sem fins lucrativos (IESPSFL) constituem um importante segmento dentro de seus sistemas de educação superior, configurando terreno fértil para compreender as tensões que atravessam a profissão acadêmica em tempos de avanço do capitalismo acadêmico e do NPM. Combinando características públicas e privadas, essas instituições assumem uma natureza híbrida e enfrentam, de maneira intrínseca, os tensionamentos próprios dessa configuração, os quais também atravessam o cotidiano do corpo docente (Fioreze, 2020; Jongbloed, 2015).

No plano comparativo, a análise direta entre a profissão acadêmica no Brasil e no Chile a partir do mesmo instrumento permanece pouco explorada na literatura. Os dois países participaram dos grandes *surveys* internacionais sobre a profissão acadêmica – *o International Academic Profession* (Carnegie), dos anos 1990; o *Changing Academic Profession* (CAP), entre 2008 e 2009; e o *Academic Profession in the Knowledge-Based Society* (APIKS), entre 2018 e 2019 (Aarrevaara et al., 2021) –, porém, o Chile integrou a primeira e a terceira edições e o Brasil, a primeira e a segunda (Balbachevsky e Schwartzman, 2013; Bernasconi et al., 2021), o que impede compará-los no mesmo período e com dados atualizados.

Diante do exposto, o problema de investigação é: no contexto das transformações recentes marcadas pelo capitalismo acadêmico e pelo gerencialismo, quais as percepções da profissão acadêmica em IESPSFL do Brasil e do Chile sobre mal-estar – expresso em sobrecarga e dificuldades de conciliação entre vida acadêmica e vida privada – e satisfação no trabalho, numa abordagem sensível às desigualdades de gênero? A hipótese norteadora é que os docentes vivenciam sobrecarga e dificuldades de conciliação entre a vida acadêmica e a vida privada, sendo as mulheres as mais afetadas; ainda assim, paradoxalmente, coexiste uma percepção positiva da profissão, com representações de satisfação e reafirmação da escolha da carreira.

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de pesquisa de campo, desenvolvida entre 2024 e 2025, através de metodologia mista sequencial – quantitativa, seguida de qualitativa, na perspectiva de triangulação metodológica (Kelle, 2005; Yin, 2011). Participaram professores brasileiros e chilenos de IESPSFL, selecionados por amostragem não probabilística intencional (Flick, 2007).

Na primeira etapa, foi aplicado questionário composto por afirmativas de percepção do professor, estruturado em escala Likert de 5 pontos (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente). O instrumento, com finalidade exploratória, buscou rastrear tendências de percepção em dimensões centrais para os objetivos da pesquisa: sobrecarga e (des)equilíbrio entre trabalho e vida pessoal (Afirmativas A e B); relação entre mal-estar e satisfação na carreira e adesão à profissão acadêmica (Afirmativas C e D), conforme Tabela 1. A Afirmativa A, elaborada a partir da literatura sobre conciliação trabalho-vida, capta a conciliação sem sobrecarga; sua discordância pode indicar dificuldade de conciliar ou conciliação à custa de sobrecarga. As demais derivam do *survey* APIKS (Aarrevaara et al., 2021): B e C, livremente adaptadas, captam, respectivamente, a percepção de que as dificuldades de conciliação limitam/limitaram a carreira e o balanço entre estresse e satisfação no trabalho; D, que reproduz um item com pequena adaptação, capta a reafirmação retrospectiva da escolha da carreira.

O questionário incluía ainda questões sobre o perfil do respondente e uma pergunta sobre horas semanais dedicadas ao cuidado (tarefas domésticas e cuidado de pessoas), respondida em faixas, agrupadas em quatro na análise. Ao final, uma pergunta aberta solicitava que o participante indicasse de 3 a 5 palavras-chave que expressassem o significado de ser professor universitário hoje. O instrumento foi pré-testado com dois docentes de cada país, para verificar a compreensão dos itens nas duas línguas, resultando em ajustes de redação. Dado seu caráter exploratório e função de mapeamento de tendências de percepção em escala ampla, não foram adotados procedimentos formais de validação psicométrica.

Tabela 1. *Afirmativas sobre percepção do professor*

Afirmativa A	Consigo conciliar as demandas de trabalho acadêmico com as demandas de minha vida pessoal sem que isso gere sobrecarga emocional ou física.
Afirmativa B	As dificuldades para conciliar as exigências da vida acadêmica com as demandas da minha vida pessoal são (ou já foram em algum momento) um limitador para o meu progresso como professor(a) universitário(a).
Afirmativa C	Para mim, o trabalho como professor(a) universitário(a) se constitui mais como fonte de estresse do que como fonte de satisfação.
Afirmativa D	Se eu fosse começar novamente, não escolheria a carreira acadêmica.

Nota. Elaboração própria.

O questionário, autoaplicável via Google Forms, foi divulgado por contato direto com docentes de IESPSFL – mensagens individuais e em grupos, por e-mail e redes sociais, a partir dos endereços publicizados nos sites de mais de 15 instituições de cada país, de distintas regiões – e pelo compartilhamento entre os próprios participantes (efeito bola de neve virtual). Assegurou-se a elegibilidade com questão obrigatória inicial sobre o modelo institucional de vínculo do participante.

Foram recebidos 302 questionários (168 brasileiros e 134 chilenos), todos de docentes de IESPSFL, sem exclusões. No Brasil, 76,8% dos participantes atuavam em IESPSFL comunitárias e 83,9% em universidades; no Chile, todos atuavam em universidades, 82,1% em IESPSFL do Consejo de Rectores de las Universidades Chilenas (CRUCH).

A Tabela 2 sintetiza o perfil dos participantes quanto a gênero, idade, titulação e regime de trabalho. Quanto à área do conhecimento, predominaram as Ciências Sociais e Humanidades (63,7% da amostra brasileira e 80,6% da chilena), e a maioria contava com dez anos ou mais de atuação na educação superior (83,3% no Brasil e 69,4% no Chile).

Tabela 2. *Perfil dos participantes*

Característica	Brasil (*n* = 168)	Chile (*n* = 134)
Gênero		
Mulheres	89 (53,0)	73 (54,5)
Homens	79 (47,0)	60 (44,8)
Não informado	–	1 (0,7)
Idade		
20 a 39 anos	24 (14,3)	24 (17,9)
40 a 59 anos	103 (61,3)	88 (65,7)
60 anos ou mais	37 (22,0)	22 (16,4)
Não informado	4 (2,4)	–
Titulação máxima		
Doutorado	133 (79,2)	83 (61,9)
Mestrado	32 (19,0)	46 (34,3)
Outra	3 (1,8)	5 (3,7)
Regime de trabalho		
Integral	105 (62,5)	93 (69,4)
Parcial ou horista	63 (37,5)	41 (30,6)

Nota. Elaboração própria. Valores em *n* (%). No Chile, a jornada completa (44 horas) foi classificada como tempo integral; os demais vínculos, como parcial ou horista.

Na segunda etapa, qualitativa, realizaram-se entrevistas com especialistas, com função de contextualização e aprofundamento dos achados do questionário (Bogner et al., 2009). Os critérios para composição do grupo de participantes dessa etapa foram: ser especialista reconhecido no tema e ter experiência como docente em IESPSFL. Foram entrevistados quatro especialistas, dois brasileiros e dois chilenos, sendo um homem e uma mulher de cada país. Convidados por e-mail, os especialistas foram entrevistados on-line, em seu idioma; as entrevistas duraram em média 60 minutos e foram gravadas e transcritas. O roteiro abordou carreira, autonomia, satisfação, sobrecarga, gênero e mudanças no trabalho docente sob o capitalismo acadêmico e o NPM.

Para análise da escala Likert realizou-se o agrupamento das categorias de resposta, de modo a simplificar a interpretação e evidenciar tendências gerais: as opções 1 e 2 foram consideradas categorias negativas, a opção 3, neutra, e 4 e 5, positivas (Koo e Yang, 2025). Empregou-se estatística descritiva (frequências e percentuais) para identificar padrões em cada tema, seguida de estatística inferencial, com aplicação do teste qui-quadrado de independência (χ^2), para verificar diferenças estatisticamente significativas na distribuição das respostas entre os grupos, adotando-se nível de significância de 5% ($p < 0,05$). Como medida de tamanho de efeito, calculou-se o *V* de Cramér para cada teste, considerando-se como referência os limiares de 0,10, 0,30 e

0,50 para efeitos pequenos, médios e grandes, respectivamente (Cohen, 1988). Para as horas de cuidado, variável ordinal, usou-se o teste de Mann-Whitney (tamanho de efeito *r*). Realizou-se análise de sensibilidade (α = 0,05; poder de 80%) para estimar o menor efeito detectável em cada comparação. As palavras-chave foram tratadas por análise de frequência, padronizando-se sob um termo representativo variações morfológicas e expressões semanticamente equivalentes, gerando nuvens de palavras.

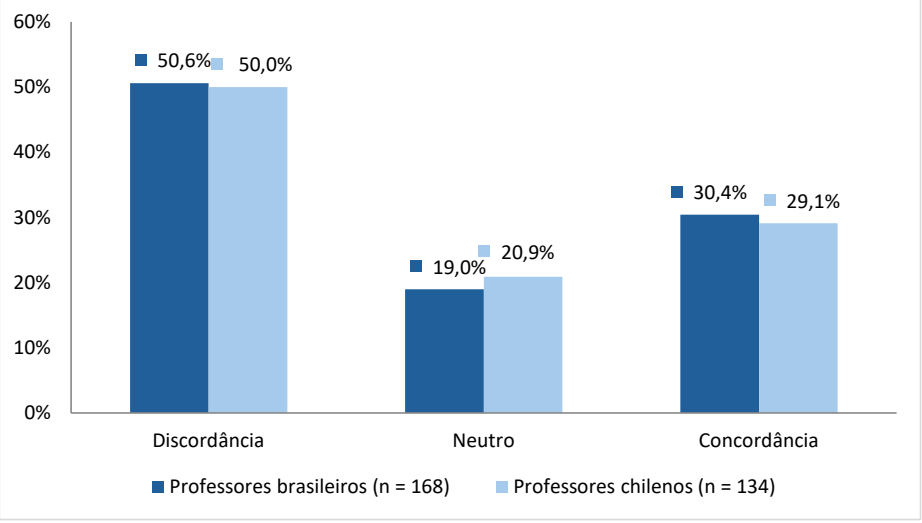
Os dados qualitativos foram submetidos à análise temática dedutiva (Braun e Clarke, 2006), com codificação segundo eixos definidos *a priori* a partir do referencial teórico, do objetivo e da hipótese – "Sobrecarga e conciliação trabalho-vida" e "Paradoxo entre mal-estar e satisfação" –, que permitiram integrar os achados quantitativos e qualitativos na discussão.

A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética (CAAE 83064424.1.0000.5342, Parecer 7.101.149), e os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3. Resultados

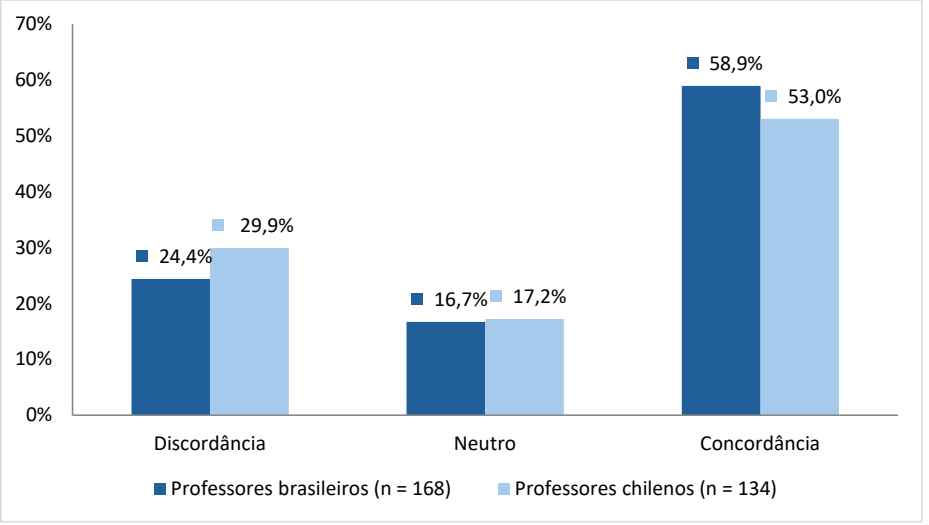
Quanto às percepções dos docentes sobre a relação entre trabalho e vida pessoal, observa-se que aproximadamente metade deles discordou da Afirmativa A, isto é, não consegue conciliar as duas esferas sem sobrecarga (50,6% no Brasil e 50,0% no Chile; Figura 1). A concordância com a Afirmativa B, segundo a qual as dificuldades de conciliação limitam ou limitaram o progresso na carreira, foi de 58,9% no Brasil e 53,0% no Chile (Figura 2). Nas respostas às duas afirmativas, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os países, com tamanhos de efeito muito pequenos [Afirmativa A: $\chi^2(2, N = 302) = 0,17$, $p = 0,917$, $V = 0,02$; Afirmativa B: $\chi^2(2, N = 302) = 1,30$, $p = 0,521$, $V = 0,07$].

Figura 1. *Distribuição das respostas à Afirmativa A, por país*



Nota. Elaboração própria.

Figura 2. *Distribuição das respostas à Afirmativa B, por país*



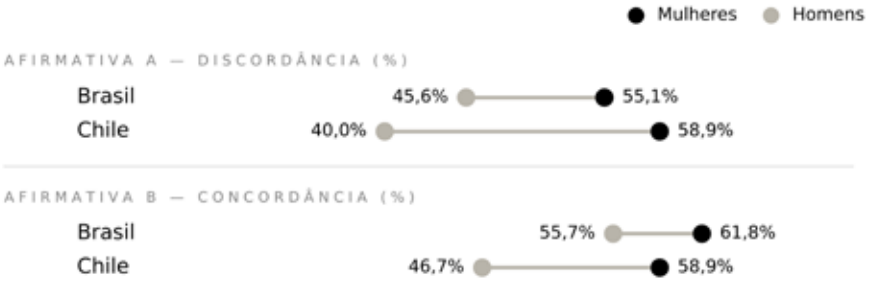
Nota. Elaboração própria.

As entrevistas com especialistas brasileiros e chilenos convergem com esse quadro, apontando o avanço do tempo de trabalho sobre o tempo de vida e a pressão por resultados.

Temos consciência que o nosso tempo não é mais aquele do expediente. (Especialista 1, Brasil)
As instituições, cada vez mais, têm pressionado os professores no que diz respeito a resultados. (Especialista 2, Brasil)
Creo que los académicos somos capaces de explotarnos hasta niveles insospechados, con un costo personal altísimo. (Especialista 3, Chile)
. . . la profesión académica se observa a sí misma a través de esos indicadores, a través de números. (Especialista 4, Chile)

Os dados também indicam que as dificuldades de conciliar trabalho acadêmico e vida privada se intensificam quando aplicado o recorte de gênero, com indícios de maior prejuízo para as mulheres. Nos dois países, mais professoras do que professores discordam da Afirmativa A e concordam com a Afirmativa B (Figura 3). A diferença é maior no Chile, embora nenhuma das comparações por gênero tenha alcançado significância estatística [Afirmativa A, Brasil: $\chi^2(2, N = 168) = 1{,}54$, $p = 0{,}462$, $V = 0{,}10$; Chile: $\chi^2(2, N = 133) = 4{,}73$, $p = 0{,}094$, $V = 0{,}19$; Afirmativa B, Brasil: $\chi^2(2, N = 168) = 0{,}99$, $p = 0{,}609$, $V = 0{,}08$; Chile: $\chi^2(2, N = 133) = 2{,}34$, $p = 0{,}311$, $V = 0{,}13$].

Figura 3. *Discordância de A e concordância com B, por país e gênero (%)*



Nota. Elaboração própria. Respostas neutras (não representadas): Afirmativa A – Brasil, mulheres 16,9% e homens 21,5%; Chile, 17,8% e 25,0%. Afirmativa B – Brasil, 16,9% e 16,5%; Chile, 13,7% e 21,7%.

Nas falas dos quatro entrevistados a divisão sexual do trabalho aparece como chave analítica.

Nós temos a sobrecarga dos filhos e, às vezes, até de sustentar a família. (Especialista 1, Brasil)
As mulheres sofrem mais com essa sobrecarga porque ainda temos uma sociedade que ainda define que algumas tarefas domésticas são das mulheres. (Especialista 2, Brasil)
Hay diferencias en términos de la gente que cuida y de la que no cuida. En general son las mujeres que están a cargo de eso. (Especialista 3, Chile)
Es más fácil ser emprendedor cuando uno no tiene la carga que tiene dentro de la casa, por ejemplo . . . incluso cuando las mujeres intenten jugar ese juego y lo juegan exitosamente, tienen que hacer una serie de sacrificios, trabajar más para llegar a lo mismo, hacer poli tareas, es decir, estar con su hijo o hija al lado y al mismo tiempo redactar un proyecto de investigación. (Especialista 4, Chile)

As professoras também dedicam mais horas ao cuidado do que os professores, com diferença estatisticamente significativa entre ambos nos dois países (Tabela 3). No Brasil, 62,9% delas informaram 10 horas semanais ou mais, contra 48,1% deles; no Chile, 69,9% contra 58,3%, e quase metade das chilenas (45,2%) dedica 20 horas ou mais. A triangulação desses dados com os relatos qualitativos corrobora a tendência observada na Figura 3.

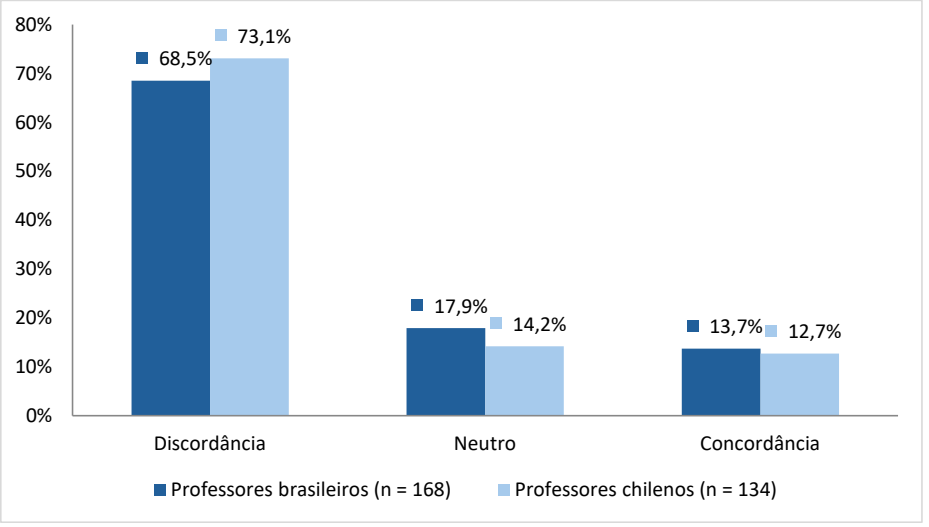
Tabela 3. *Horas semanais dedicadas a atividades de cuidado, por país e gênero*

Horas semanais	Brasil		Chile	
	Mulheres (*n* = 89)	Homens (*n* = 79)	Mulheres (*n* = 73)	Homens (*n* = 60)
0 a 4	17 (19,1)	17 (21,5)	12 (16,4)	16 (26,7)
5 a 9	16 (18,0)	24 (30,4)	10 (13,7)	9 (15,0)
10 a 19	33 (37,1)	29 (36,7)	18 (24,7)	20 (33,3)
20 ou mais	23 (25,8)	9 (11,4)	33 (45,2)	15 (25,0)

Nota. Elaboração própria. Valores em *n* (%). Teste de Mann-Whitney: Brasil, $U = 4.154$, $p = 0,035$, $r = 0,18$; Chile, $U = 2.664$, $p = 0,026$, $r = 0,22$.

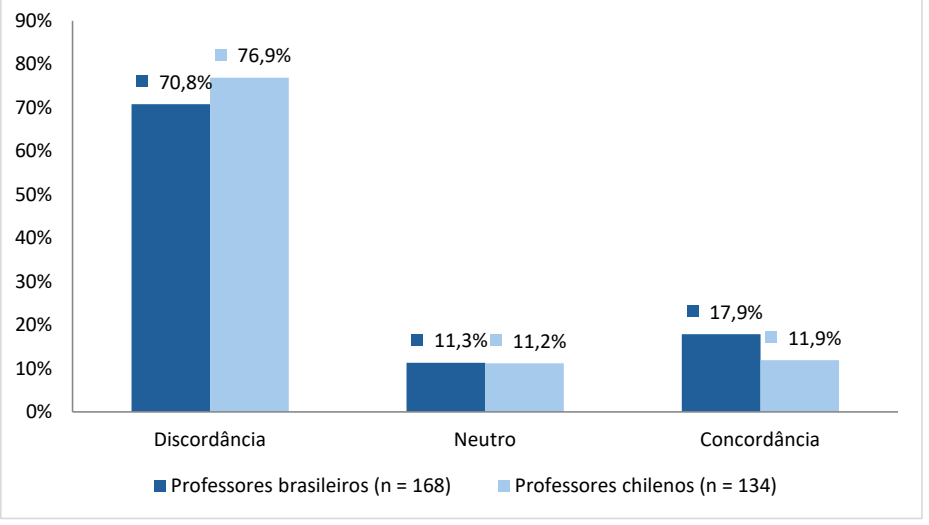
Apesar das dificuldades de conciliação e da sobrecarga, as respostas sobre satisfação e escolha da carreira apontam em direção oposta, paradoxal. A maioria discordou da Afirmativa C, avaliando o trabalho mais como fonte de satisfação do que de estresse (68,5% no Brasil e 73,1% no Chile; Figura 4), e da Afirmativa D, reafirmando a escolha da carreira (70,8% e 76,9%; Figura 5). Não houve diferenças significativas entre os países [Afirmativa C: $\chi^2(2, N = 302) = 0,91$, $p = 0,634$, $V = 0,05$; Afirmativa D: $\chi^2(2, N = 302) = 2,08$, $p = 0,353$, $V = 0,08$].

Figura 4. *Distribuição das respostas à Afirmativa C, por país*



Nota. Elaboração própria.

Figura 5. *Distribuição das respostas à Afirmativa D, por país*



Nota. Elaboração própria.

Ao indicar palavras-chave que representassem "como é ser professor universitário hoje", também ficou expresso o paradoxo, nos dois países. Entre os brasileiros, foram mencionadas espontaneamente 565 palavras-chave, totalizando 239 expressões únicas, após padronização. A palavra mais frequente foi "desafiador" (53 menções), seguida de "dedicação" (16). Depois, "desvalorização", "satisfação" e "sobrecarga" com 15 menções cada, seguidas de "pesquisa" (14) e "cansaço" (12). Nas posições seguintes estão, entre outras, "compromisso", "conhecimento", "realização", "estressante" e "gratificante" (9 a 11 menções cada) – Figura 6.

Figura 6. *Nuvem de palavras sobre "ser professor universitário na atualidade", entre brasileiros*



Nota. Elaboração própria.

Entre os chilenos, foram mencionadas 459 palavras-chave, com 186 expressões únicas. As mais frequentes foram "desafío" e "investigación" (20 menções cada), seguidas de "formación" (17) e "responsabilidad" (15). Depois vêm "compromiso", "actualización" e "competencia" (11 menções cada), e, entre outras, "sobrecarga", "satisfacción", "vocación" e "estrés" (8 a 9 menções cada) – Figura 7.

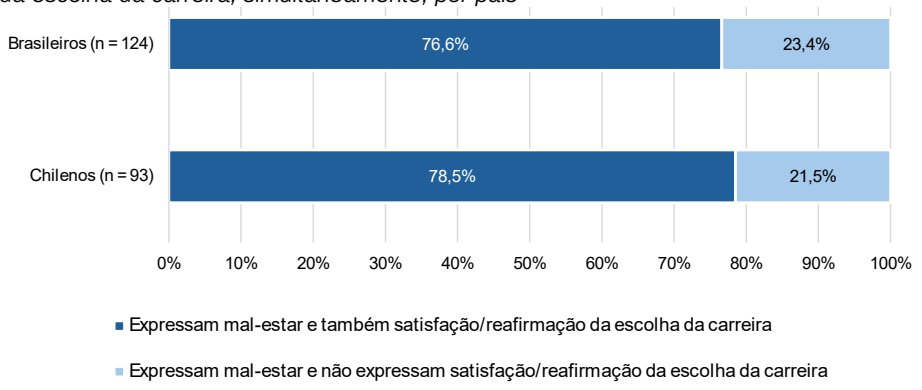
Figura 7. *Nuvem de palavras sobre "ser professor universitário na atualidade", entre chilenos*



Nota. Elaboração própria.

Nos dois países, a maioria dos que relatam mal-estar também expressa satisfação ou reafirma a escolha da carreira. Considerando como indicadores de mal-estar a discordância da Afirmativa A ou a concordância com a Afirmativa B, e como indicadores de satisfação e reafirmação a discordância das Afirmativas C ou D, verifica-se que, entre os brasileiros que relatam mal-estar (n = 124), 76,6% (n = 95) expressam simultaneamente satisfação e/ou reafirmam a escolha da carreira; entre os chilenos, essa proporção é de 78,5% (n = 73 de 93; Figura 8). Entre os que não relatam mal-estar, essa proporção é ainda maior: 90,9% no Brasil [$\chi^2(1, N = 168) = 4{,}21$, $p = 0{,}040$, $V = 0{,}16$] e 97,6% no Chile [$\chi^2(1, N = 134) = 7{,}83$, $p = 0{,}005$, $V = 0{,}24$].

Figura 8. *Proporção de professores que expressam mal-estar e satisfação/reafirmação da escolha da carreira, simultaneamente, por país*



Nota. Elaboração própria. Percentuais calculados sobre os docentes que expressam mal-estar em cada país (Brasil: *n* = 124, 73,8% dos participantes; Chile: *n* = 93, 69,4%).

As entrevistas com os especialistas permitem aprofundar essa coexistência, remetendo, direta ou indiretamente, à representação da vocação.

> Esse movimento em torno da produção do conhecimento . . . isso mobiliza um nível de sentimento que é quase parte da nossa condição humana. E conseguimos isso na educação, na universidade, principalmente. . . . Dar aula é uma cachaça. É alto nível de satisfação. (Especialista 1, Brasil)

> O salário é importante, remuneração é importante, mas o que mais motiva é a construção do conhecimento, a construção acadêmica. . . . A satisfação de participar de um processo de construção de pessoas, carreiras, eu acho que essa é a parte mais prazerosa. . . . Acho que ser professor é dom. (Especialista 2, Brasil)

> Tiene que ver con la idea de la vocación. Entonces la razón para valorar un trabajo no es únicamente cuánto esfuerzo me implica, sino que también tiene que ver con si es que yo puedo expresar mi identidad en ese producto de trabajo. (Especialista 3, Chile)

> La carrera académica siempre ha sido concebida como una vocación antes que como una profesión, . . . las vocaciones son como el amor: admiten todos los errores en el camino y se justifican ante ese reto. (Especialista 4, Chile)

4. Discussão

4.1 Sobrecarga e conciliação trabalho-vida

A sobrecarga e a dificuldade de conciliação relatadas por ao menos metade dos docentes nos dois países (Figuras 1 e 2) expressam um contexto de mal-estar, similar ao documentado anteriormente em universidades públicas latino-americanas (Acosta Reveles, 2022; Souza et al., 2017; Walker, 2021). Bernasconi et al. (2021), com base no APIKS (2018–2019), registraram que 4 de cada 10 professores chilenos avaliaram seu trabalho como fonte considerável de estresse.

Esse quadro é compreensível no contexto do capitalismo acadêmico e do gerencialismo, em que métricas de produtividade, exigência por disponibilidade permanente e aceleração do tempo acadêmico redefinem a relação entre vida profissional e pessoal, diluindo progressivamente as fronteiras entre trabalho e vida privada e levando a sobrecarga ao espaço doméstico (Allmer, 2018; Čingienė e Batuchina, 2025; Vostal, 2026).

Além desse diagnóstico, o achado central desta pesquisa é que, na comparação direta entre Brasil e Chile, utilizando-se do mesmo instrumento, as diferenças, além de não significativas, são de magnitude muito pequena (*V* de Cramér entre 0,02 e 0,08), compatível com um padrão convergente. Tal convergência, em sistemas com trajetórias distintas, permite levantar a hipótese de que as lógicas do capitalismo acadêmico produzam efeitos subjetivos semelhantes na região.

No que se refere ao modelo institucional, os resultados corroboram a caracterização das IESPSFL como espaços atravessados pelas pressões do capitalismo acadêmico e de sua cronopolítica (Felt, 2025; Jongbloed, 2015; Vostal, 2026) – muito embora a ausência de grupo de comparação com outros modelos institucionais não permita atribuir a sobrecarga observada a características específicas de IESPSFL.

Tais pressões incidem sobre o conjunto dos docentes, mas não uniformemente, pois a dimensão de gênero agudiza o quadro. Professoras relatam maior sobrecarga e dificuldade de conciliação do que os colegas homens em ambos os países (Figura 3), com diferenças mais acentuadas na amostra chilena, ainda que sem significância estatística nas comparações por gênero. Cabe notar, contudo, que o maior tamanho de efeito identificado entre as afirmativas foi justamente o da comparação por gênero na amostra chilena ($V = 0{,}19$, na Afirmativa A) sugerindo que a ausência de significância pode refletir o poder estatístico reduzido das amostras nacionais, e não a inexistência do fenômeno. Essa análise se apoia na triangulação com os dados qualitativos e a literatura da área (Fardella Cisternas e Corvalán Navia, 2020; Oliveira et al., 2025), evidenciando a divisão sexual do trabalho como central. Tem-se, com isso, uma leitura plausível, apoiada na convergência das evidências, a ser confirmada com amostras maiores.

Na população em geral, as brasileiras dedicavam em 2022, em média, 21,3 horas semanais a afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas, contra 11,7 horas dos homens (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023); no Chile, em 2023, as mulheres destinavam 4h57min diárias ao trabalho doméstico e de cuidados não remunerado, contra 2h52min dos homens, cerca de 34,6 e 20,1 horas semanais,

respectivamente (Instituto Nacional de Estadísticas, 2025). Os dados da pesquisa reforçam essa realidade, isto é, em ambos os países, as professoras assumem maior carga de cuidado, mais intensa entre as participantes chilenas.

Diante do modelo de dedicação total e produtivismo esperado na academia, que Rosas Rodríguez et al. (2020, p. 983) denominam "campo descuidado", a carga de cuidado feminina é sistematicamente ignorada, precarizando ainda mais as condições de trabalho das mulheres (Fardella Cisternas e Corvalán Navia, 2020). Gutiérrez Aceves e Echeverría Echeverría (2023) e Ivancheva et al. (2019) evidenciaram que professoras adaptadas às exigências acadêmicas tendem a negligenciar a vida relacional e a enfrentar dilemas adicionais entre carreira e responsabilidades pessoais. Garraio et al. (2022) e Machado-Taylor et al. (2014) documentaram os efeitos disso sobre a saúde e a progressão na carreira, coadunando-se com os achados desta pesquisa.

A existência dessa tendência nos dois países – com sistemas distintos, mas desigualdades de gênero similares – sugere tratar-se de uma lógica estrutural que ultrapassa os contextos nacionais, hipótese a ser examinada em outros países.

4.2 Paradoxo entre mal-estar e satisfação

A despeito do mal-estar, a satisfação e a reafirmação da escolha da carreira são altas e semelhantes nos dois países (Figuras 4 e 5). No APIKS (2018–2019), 87% dos chilenos discordaram de que não escolheriam novamente a carreira acadêmica (Bernasconi et al., 2021) e, no CAP (2008–2009), 73,9% dos brasileiros (Balbachevsky e Schwartzman, 2013). Os percentuais obtidos nesta pesquisa, em questão equivalente, foram menores: 76,9% no Chile e 70,8% no Brasil. Como o presente estudo é pós-pandêmico e restrito a IESPSFL, com amostras distintas, esses contrastes servem como pontos de referência, e não como medida de tendência. Ainda assim, a reafirmação da escolha da carreira permanece majoritária nos dois países, sugerindo que o vínculo com a carreira se sustenta mesmo sob as pressões contemporâneas.

Há, portanto, um paradoxo, isto é, ao tempo em que manifestam mal-estar, os docentes também referem satisfação e reafirmam sua escolha pela carreira. Quando medida diretamente, essa coexistência chama a atenção – praticamente 4 de cada 5 que expressaram mal-estar expressaram simultaneamente satisfação/reafirmação (Figura 8), o que as nuvens de palavras reforçam.

Han et al. (2020), Houston et al. (2006) e Shin e Jung (2014) documentaram esse paradoxo em diferentes sistemas nacionais, sobretudo fora da América Latina. Nesta região destaca-se a pesquisa de Marquina e Rebello (2013), evidenciando altos níveis de satisfação entre os professores argentinos participantes do CAP, mesmo diante da precariedade das condições de trabalho. Esta investigação acrescenta às pesquisas existentes a quantificação direta da coexistência, isto é, a proporção de docentes que apresentam simultaneamente mal-estar e satisfação, mensuradas com o mesmo instrumento, em perspectiva comparada entre Brasil e Chile. Isso permite afirmar que, no grupo estudado e considerando os indicadores aqui adotados, o paradoxo é a experiência majoritária dos docentes que expressam mal-estar em ambos os países – os quais, por sua vez, também são maioria.

Para Dejours et al. (1994), sofrimento e satisfação não são opostos, uma vez que o trabalhador mobiliza sua subjetividade para transformar o sofrimento em sentido e, inclusive, em fonte de prazer. Boltanski e Chiapello (1999/2009), por sua vez, argumentam que o novo espírito do capitalismo cooptou valores como autonomia e realização pessoal, transformando-os em instrumentos de engajamento, o que permite que os trabalhadores se dediquem com entusiasmo mesmo na adversidade. Esses autores iluminam o paradoxo, dando abertura, à luz dos dados qualitativos, para a interpretação de que os docentes incorporam a sobrecarga como dimensão de sua vocação, num engajamento funcional ao capitalismo acadêmico. A representação da vocação sugere que a satisfação tem relação com o sentido atribuído à atividade docente, operando como suporte subjetivo, o que encontra consonância em palavras-chave como "dedicação", "compromisso" e "realização", no Brasil, e "compromiso" e "vocación", no Chile.

A ideia da profissão acadêmica como vocação, desde a perspectiva weberiana, é entendida como um chamado, uma forma de vida, um dever moral (Weber, 1919/2004). Para Larrosa (2018), docência como vocação envolve esforço, responsabilidade, compromisso e amor ao ofício. Nessa direção, Pujol-Cols e Lazzaro-Salazar (2021) e Camargo-Martínez e Médor (2024), pesquisando docentes universitários em países latino-americanos, mostraram que, apesar do contexto de transformações gerenciais, a ideia de vocação da profissão acadêmica permanece e constitui fator protetivo frente aos riscos psicossociais do trabalho, uma vez que confere sentido à entrega pessoal e à aceitação do sacrifício em prol de um propósito maior.

Ao lado da vocação, a cronopolítica do capitalismo acadêmico ajuda a compreender a coexistência entre mal-estar e satisfação. Larrosa (2018) descreve a vocação docente como pertencente a uma temporalidade distinta daquela regida por eficácia e produtividade – um tempo indefinido, aberto ao pensamento e comprometido com um propósito, difícil de ser capturado. Porém, na cronopolítica do capitalismo acadêmico esse tempo da vocação é progressivamente colonizado pelo tempo das métricas, da vigilância e da performance – o que Noonan (2015) descreve como o conflito entre o "tempo-pensamento" e o "tempo-dinheiro". Diante dos resultados aqui apresentados, pode-se inferir que um não elimina o outro, ou seja, o tempo das métricas produz sobrecarga sem extinguir o sentido vocacional, e o da vocação sustenta a satisfação sem neutralizar as pressões estruturais. Essa tensão entre dois regimes de tempo parece estar por trás do paradoxo identificado.

Então, à medida que o tempo do trabalho conflita com o da vida, gerando mal-estar, esse sofrimento, conforme sugerem as entrevistas, é ressignificado como parte do próprio sentido vocacional, associado a sacrifício e doação. Essa leitura é coerente com o fato de "desafiador/desafio" terem sido as palavras mais mobilizadas nos dois países para representar a profissão.

5. Considerações finais

Retomando a questão orientadora desta pesquisa, os resultados seguem na direção da hipótese norteadora. Os docentes participantes, de IESPSFL brasileiras e chilenas, vivenciam mal-estar, expresso em sobrecarga e dificuldades de conciliação entre vida acadêmica e pessoal – com indícios de maior prejuízo para as mulheres – e, ainda assim, expressam elevados níveis de satisfação e reafirmam sua escolha pela carreira.

Apesar das diferenças entre os sistemas, as percepções dos docentes foram semelhantes nos dois países. Diante da importante presença do setor privado na região, levanta-se a hipótese de que essa experiência se repita em outros países latino-americanos, configurando um padrão de coexistência paradoxal entre mal-estar e satisfação. A originalidade desse achado está na compreensão de que, sendo o mal-estar experiência amplamente presente entre os participantes dos dois países, o paradoxo é vivência predominante, interpretada – à luz das entrevistas – como sustentada pelo suporte subjetivo da vocação e marcada pela tensão entre o tempo da vocação docente e o tempo das métricas.

Os resultados demandam atenção de gestores e formuladores de políticas públicas, indicando a necessidade de estratégias de bem-estar docente, conciliação trabalho-vida e equidade de gênero, dada a maior carga de cuidado assumida pelas professoras, em contextos nacionais marcados por uma desigual divisão sexual do trabalho.

Cabe destacar as limitações do estudo. Por tratar-se de amostra não probabilística, não é possível descartar viés de autosseleção. Assim, os resultados devem ser lidos como retrato das percepções dos participantes, não como estimativas populacionais dos docentes de IESPSFL de ambos os países. Além disso, a análise de sensibilidade indicou que as comparações por gênero só detectariam efeitos a partir de $V = 0{,}24$ no Brasil e $V = 0{,}27$ no Chile, acima do maior efeito observado ($V = 0{,}19$). Outra limitação diz respeito ao instrumento, que, com finalidade exploratória, mensura cada dimensão por meio de afirmativas únicas, sem validação psicométrica formal. Por isso, a convergência entre os países deve ser lida como semelhança nos padrões de percepção, e as diferenças de gênero, como tendência exploratória.

Pesquisas futuras poderão ampliar o olhar comparativo para outros países latino-americanos e outros tipos de IES, além de aprofundar, com a operacionalização direta da noção de vocação, os mecanismos que sustentam a coexistência entre mal-estar e satisfação na profissão acadêmica.

Como contribuição ao balanço da década 2015–2025, o retrato aqui construído, apoiado em triangulação metodológica, sugere que, ao final do período, as pressões gerencialistas convivem com a preservação do núcleo vocacional entre docentes simultaneamente pressionados e engajados. Diante disso, cabe a pergunta formulada por Shin e Jung (2014) a respeito de acadêmicos de países com altos níveis simultâneos de estresse e satisfação: até que ponto esses níveis de satisfação poderão se manter, considerando as crescentes pressões gerencialistas em curso? Para os professores brasileiros e chilenos – e para a profissão acadêmica latino-americana –, a resposta dependerá, em grande medida, de quanto espaço o tempo da vocação ainda conseguirá preservar diante do avanço do tempo das métricas próprio das inovações gerencialistas.

Referências

Aarrevaara, T., Finkelstein, M., Jones, G. A., & Jung, J. (2021). The Academic Profession in the Knowledge-Based Society (APIKS): Evolution of a major comparative research project. In T. Aarrevaara, M. Finkelstein, G. A. Jones, & J. Jung (Eds.), *Universities in the knowledge society: The nexus of national systems of innovation and higher education* (pp. 49–64). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-76579-8_4

Acosta Reveles, I. L. (2022). Avatares del oficio académico en los entornos productivo y reproductivo. *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, *14*(33), 103–127. https://doi.org/10.58422/repesq.2022.e1200

Allmer, T. (2018). Precarious, always-on and flexible: A case study of academics as information workers. *European Journal of Communication*, *33*(4), 381–395. https://doi.org/10.1177/0267323118783794

Altbach, P. G. (1991). The academic profession. In P. G. Altbach (Ed.), *International higher education: An encyclopedia* (Vol. 1, pp. 23–45). Garland Publishing.

Arias Ortiz, E., Giambruno, C., Morduchowicz, A., & Pineda, B. (2024). *O estado da educação na América Latina e no Caribe 2023* (Nota Técnica No. IDB-TN-02708). Banco Interamericano de Desenvolvimento. https://doi.org/10.18235/0005515

Atairo, D., Trotta, L., & Saforcada, F. (2023). La privatización de la universidad latinoamericana y los mecanismos de financiamiento como estrategia política: Un estudio de casos. *Revista Española de Educación Comparada*, (42), 261–283. https://doi.org/10.5944/reec.42.2023.34279

Bakker, A. B., & Demerouti, E. (2007). The Job Demands-Resources model: State of the art. *Journal of Managerial Psychology, 22*(3), 309–328. https://doi.org/10.1108/02683940710733115

Balbachevsky, E., & Schwartzman, S. (2013). Job satisfaction in a diverse institutional environment: The Brazilian experience. In P. J. Bentley, H. Coates, I. R. Dobson, L. Goedegebuure, & V. L. Meek (Eds.), *Job satisfaction around the academic world* (pp. 55–81). Springer. https://doi.org/10.1007/978-94-007-5434-8_4

Ball, S. J. (2005). Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. *Cadernos de Pesquisa, 35*(126), 539–564. https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000300002

Bernasconi, A., Berríos, P., & Véliz, D. (2021). La profesión académica en Chile: 50 años en cuatro momentos. *Revista de Educación*, (24.2), 227–246. https://go.oei.int/ant2cyz2

Bogner, A., Littig, B., & Menz, W. (Eds.). (2009). *Interviewing experts*. Palgrave Macmillan.

Boltanski, L., & Chiapello, È. (2009). *O novo espírito do capitalismo* (I. C. Benedetti, Trad.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1999)

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 77–101. https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa

Broucker, B., & De Wit, K. (2015). New Public Management in higher education. In J. Huisman, H. Boer, D. D. Dill, & M. Souto-Otero (Eds.), *The Palgrave international handbook of higher education policy and governance* (pp. 57–75). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-1-137-45617-5_4

Camargo-Martínez, M., & Médor, D. (2024). Entre la vocación y la profesionalización: Sobre el sentido del trabajo docente universitario hoy. *Revista Mexicana de Investigación Educativa, 29*(101), 205–228. https://go.oei.int/ahi5inba

Čingienė, J., & Batuchina, A. (2025). Work-nonwork boundaries in academia: A problematizing review. *Open Research Europe*, *4*, Article 245. https://doi.org/10.12688/openreseurope.18573.2

Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.

Collyer, F. M. (2015). Practices of conformity and resistance in the marketisation of the academy: Bourdieu, professionalism and academic capitalism. *Critical Studies in Education*, *56*(3), 315–331. https://doi.org/10.1080/17508487.2014.985690

Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. Atlas.

Diniz, J. A. R., Oliveira, J. F., & Lima, D. C. B. P. (2021). A mercantilização da educação superior no Brasil: Financeirização e oligopolização. *Revista Educação em Questão, 59*(61). https://doi.org/10.21680/1981-1802.2021v59n61id25658

Esposito, F., & Becker, T. (2023). The time of politics, the politics of time, and politicized time: An introduction to chronopolitics. *History and Theory, 62*(4), 3–23. https://doi.org/10.1111/hith.12324

Esteve, J. M. (1987). *El malestar docente.* Laia.

Fardella Cisternas, C., & Corvalán Navia, A. (2020). El tiempo en el conflicto trabajo-vida: El caso de las académicas en la universidad managerial. *Psicoperspectivas*, *19*(3). https://doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol19-Issue3-fulltext-2051

Felt, U. (2025). *Academic times: Contesting the chronopolitics of research*. Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-981-96-4609-8

Fioreze, C. (2020). A gestão das IES privadas sem fins lucrativos diante dos tensionamentos da mercantilização da educação superior e o caso das universidades comunitárias regionais: A caminho do hibridismo? *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 101*(257), 79–98. https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.101i257.4356

Flick, U. (2007). *Designing qualitative research*. SAGE.

Garraio, C., Freitas, J. P., Magalhães, S. I., & Matias, M. (2022). Work-life conflict among higher education institution workers during COVID-19: A demands-resources approach. *Frontiers in Sociology*, *7*, Article 856613. https://doi.org/10.3389/fsoc.2022.856613

Gornitzka, Å., & Larsen, I. M. (2004). Towards professionalisation? Restructuring of administrative work force in universities. *Higher Education*, *47*(4), 455–471. https://doi.org/10.1023/B:HIGH.0000020870.06667.f1

Gouvêa, A. P., & Barbosa, M. L. O. (2025). As reconfigurações da educação a distância: Das demandas emergenciais de formação ao protagonismo do setor com fins lucrativos no Brasil. *ETD - Educação Temática Digital*, *27*. https://doi.org/10.20396/etd.v27i00.8677406

Gutiérrez Aceves, P. E., & Echeverría Echeverría, R. (2023). Mujeres en la academia: Experiencias sobre el SNI y el capitalismo académico. *Convergencia. Revista de Ciencias Sociales, 30*. https://doi.org/10.29101/crcs.v30i0.21072

Han, J., Yin, H., Wang, J., & Zhang, J. (2020). Job demands and resources as antecedents of university teachers' exhaustion, engagement and job satisfaction. *Educational Psychology*, *40*(3), 318–335. https://doi.org/10.1080/01443410.2019.1674249

Höhle, E. A., & Teichler, U. (2013). The academic profession in the light of comparative surveys. In B. M. Kehm & U. Teichler (Eds.), *The academic profession in Europe: New tasks and new challenges* (pp. 23–38). Springer. https://doi.org/10.1007/978-94-007-4614-5_3

Houston, D., Meyer, L. H., & Paewai, S. (2006). Academic staff workloads and job satisfaction: Expectations and values in academe. *Journal of Higher Education Policy and Management*, *28*(1), 17–30. https://doi.org/10.1080/13600800500283734

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023, 11 de agosto). *Outras formas de trabalho 2022: PNAD Contínua* [Apresentação de slides]. https://go.oei.int/ewdaemaj

Instituto Nacional de Estadísticas. (2025). *Informe de principales resultados: II Encuesta Nacional sobre Uso del Tiempo* [ENUT 2023]. https://go.oei.int/qgawae36

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2025). *Censo da Educação Superior 2024*. https://go.oei.int/rcifeqdb

Ivancheva, M., Lynch, K., & Keating, K. (2019). Precarity, gender and care in the neoliberal academy. *Gender, Work & Organization, 26*(4), 448–462. https://doi.org/10.1111/gwao.12350

Jong, S., & Junco, C. (2024). How do professional staff influence academic knowledge development? A literature review and research agenda. *Studies in Higher Education, 49*(6), 1042–1065. https://doi.org/10.1080/03075079.2023.2258155

Jongbloed, B. (2015). Universities as hybrid organizations: Trends, drivers, and challenges for the European university. *International Studies of Management & Organization*, *45*(3), 207–225. https://doi.org/10.1080/00208825.2015.1006027

Kallio, T., Siekkinen, T., Pekkola, E., Kivistö, J., Nokkala, T., & Kuoppakangas, P. (2024). Push and pull factors affecting leaving academia. *Tertiary Education and Management, 30*(1), 65–80. https://doi.org/10.1007/s11233-024-09135-4

Kelle, U. (2005). Sociological explanations between micro and macro and the integration of qualitative and quantitative methods. *Historical Social Research*, *30*(1), 95–117. https://www.jstor.org/stable/20762014

Koo, M., & Yang, S.-W. (2025). Likert-type scale. *Encyclopedia*, *5*(1), Article 18. https://doi.org/10.3390/encyclopedia5010018

Larrosa, J. (2018). *Esperando não se sabe o quê: Sobre o ofício de professor* (C. Antunes, Trad.). Autêntica.

Light, D., Jr. (1974). Introduction: The structure of the academic professions. *Sociology of Education*, *47*(1), 2–28. https://doi.org/10.2307/2112160

Machado-Taylor, M., White, K., & Gouveia, O. (2014). Job satisfaction of academics: Does gender matter? *Higher Education Policy, 27*(3), 363–384. https://doi.org/10.1057/hep.2013.34

Mantler, J., Tulk, C., Power, N., & Bourgeault, I. L. (2025). Mental ill-health in academia: How gender and academic position influence accessing support and leaves of absence. *New Solutions: A Journal of Environmental and Occupational Health Policy*, *35*(3), 326–337. https://doi.org/10.1177/10482911251367775

Marquina, M., & Rebello, G. (2013). Academic work at the periphery: Why Argentine scholars are satisfied, despite all. In P. J. Bentley, H. Coates, I. R. Dobson, L. Goedegebuure, & V. L. Meek (Eds.), *Job satisfaction around the academic world* (pp. 13–28). Springer. https://doi.org/10.1007/978-94-007-5434-8_2

Mather, M. F., & Bam, N. E. (2025). Factors influencing academic staff satisfaction and retention in higher education: A literature review. *European Journal of Education*, *60*(1), Article e70025. https://doi.org/10.1111/ejed.70025

Matias, A. B., Falcão, M. T. C., Grosseman, S., Germani, A. C. C. G., & Silva, A. T. C. (2023). A pandemia da COVID-19 e o trabalho docente: Percepções de professores de uma universidade pública no estado de São Paulo, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva, 28*(2), 537–546. https://doi.org/10.1590/1413-81232023282.11972022

Noonan, J. (2015). Thought-time, money-time, and the temporal conditions of academic freedom. *Time & Society*, *24*(1), 109–128. https://doi.org/10.1177/0961463X14539579

Oliveira, T., Nada, C., & Magalhães, A. (2025). Navigating an academic career in marketized universities: Mapping the international literature. *Review of Educational Research, 95*(2), 255–292. https://doi.org/10.3102/00346543231226336

Organisation for Economic Co-operation and Development. (2024). *Education at a glance 2024: OECD indicators*. OECD Publishing. https://doi.org/10.1787/c00cad36-en

Pedraja-Rejas, L., Brunner, J. J., Rodríguez-Ponce, E., & Labraña, J. (2021). Capitalismo académico en una universidad chilena: Percepción de los actores. *Revista de la Educación Superior, 50*(200), 47–68. https://go.oei.int/vkbqx2y5 Pujol-Cols, L., & Lazzaro-Salazar, M. (2021). Vocación de carrera en académicos de una universidad pública en Argentina. *Revista Iberoamericana de Educación Superior, 12*(34), 72–86. https://doi.org/10.22201/iisue.20072872e.2021.34.979

Rodríguez-Garcés, C., & Padilla-Fuentes, G. (2021). Incorporación de la Ley de Gratuidad al Sistema de Educación Superior en Chile: La prolongación del subsidio a la demanda y la privatización del financiamiento público. *Revista Iberoamericana de Educación Superior, 12*(33), 179–195. https://doi.org/10.22201/iisue.20072872e.2021.33.864

Rojas-Solís, J. L., Totolhua-Reyes, B. A., & Rodríguez-Vásquez, D. J. (2021). Burnout syndrome in Latin-American higher education professors: A systematic review. *Espiral. Cuadernos del Profesorado*, *14*(29), 136–150. https://doi.org/10.25115/ecp.v14i29.4657

Rosas Rodríguez, A. M., Valderrama Leongómez, M., & Alberto Suárez, C. A. (2020). Mujeres y cuidado: Disputas y negociaciones en el espacio académico. *Cadernos de Pesquisa, 50*(178), 981–999. https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/7001

Santos, J. T. T., Assunção-Luiz, A. V., Pereira, A. L. E., Luciano, A. R. M. B., Carvalho Filho, I. F. P., Santos, M. J. S. F. L., & Garbin, M. C. (2022). Dificuldades enfrentadas por docentes do ensino superior frente ao contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Iberoamericana de Educación, 88*(1), 111–126. https://doi.org/10.35362/rie8814819

Servicio de Información de Educación Superior. (2025). *Informe de matrícula en educación superior en Chile 2025*. Subsecretaría de Educación Superior, Ministerio de Educación de Chile. https://go.oei.int/erqc9qxb

Shin, J. C., & Jung, J. (2014). Academics job satisfaction and job stress across countries in the changing academic environments. *Higher Education*, *67*(5), 603–620. https://doi.org/10.1007/s10734-013-9668-y

Slaughter, S., & Rhoades, G. (2004). *Academic capitalism and the new economy: Markets, state, and higher education*. Johns Hopkins University Press.

Souza, K. R., Mendonça, A. L. O., Rodrigues, A. M. S., Felix, E. G., Teixeira, L. R., Santos, M. B. M., & Moura, M. (2017). A nova organização do trabalho na universidade pública: Consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, *22*(11), 3667–3676. https://doi.org/10.1590/1413-812320172211.01192016

Teichler, U. (2021). Are academics driven by managerialism? Governance and the changing role of academics on the way towards a knowledge society. *Acta Paedagogica Vilnensia, 46*, 13–26. https://doi.org/10.15388/ActPaed.2021.46.1

Vostal, F. (2026). Life in the accelerated academy: Metrics and time economy. *Globalisation, Societies and Education*, *24*(4), 1372–1384. https://doi.org/10.1080/14767724.2025.2497027

Walker, V. S. (2021). Trabajo docente y capitalismo académico: Girando las lentes para comprender el trabajo cotidiano en la universidad contemporánea. *Praxis Educativa*, *25*(3), 85–102. https://doi.org/10.19137/praxiseducativa-2021-250306

Weber, M. (2004). A ciência como vocação. In H. H. Gerth & C. W. Mills (Orgs.), *Ensaios de sociologia* (L. A. P. Victoria, Trad.; 3ª ed., pp. 129–184). LTC. (Obra original publicada em 1919)

Yin, R. K. (2011). *Qualitative research from start to finish*. Guilford Press.

Cómo citar en APA:

Fioreze, C., Brunner, J. J., & Alarcón, M. (2026). Mal-estar, satisfação e vocação: estudo comparativo sobre a profissão acadêmica em instituições privadas do Brasil e do Chile. *Revista Iberoamericana de Educación, 102*(1), 29-48. https://doi.org/10.35362/rie10217545